

LINGUAGENS VIVAS DA
COMUNICAÇÃO URBANA.
ENSAIO SOBRE A GRAFIA PÚBLICA
DA CIDADE DE PORTO ALEGRE*

Fabício Silveira

* Recibido: 16 de febrero de 2006. Aceptado: abril 28 de 2006.

LINGUAGENS VIVAS DA COMUNICAÇÃO URBANA. ENSAIO SOBRE A GRAFIA PÚBLICA DA CIDADE DE PORTO ALEGRE¹

Fabício Silveira
fabricios@unisinós.br

RESUMO

O texto problematiza o espaço urbano enquanto espaço semiótico-comunicacional. Assim entendida, a cidade passa a ser vista (e passa a ser também interpretada) como um cenário povoado por diversas lexias e inscrições públicas. Grafites, pichações, monumentos, placas de sinalização, outdoors e uma infinidade de outras enunciações publicitárias configuram a metrópole como um texto habitado, permanentemente reescrito. Tais suposições nos permitem entender, como foco pontual de nosso trabalho empírico, a cidade de Porto Alegre, situada no sul do Brasil, como arena de significações, como palco de singulares coexistências e sutis embates discursivos.

Palavras-chave

Comunicação visual urbana; espaço público; antropologia visual.

RESUMEN

El texto discute el espacio urbano como espacio semiótico-comunicacional. La ciudad es vista (y también es interpretada) como escena para muchas lexias y registros públicos. Graffiti, monumentos, placas de señalización, *outdoors* y una infinidad de otras articulaciones significativas configuran la metrópoli como un texto habitado, reescrito permanentemente. Tales premisas permiten entender, como asunto focal de nuestro trabajo empírico, la ciudad de Porto Alegre, situada en el sur del Brasil, como campo para variadas coexistencias discursivas.

Palabras clave

Comunicación visual urbana; espacio público; antropología visual.

SUMMARY

The text discuss the urban space as a semiotic and comunicational space. The city passes to be seen (and it also passes to be interpreted) as a scene for many lexias and public registrations. Graffiti, monuments, plates of signalling, outdoors and a

infinity of other significant articulations configure the metrópolis as an inhabited text, permanently rewritten. Such assumptions in allow them to understand, as prompt focus of our empirical work, the city of Porto Alegre, situated in the south of Brazil, as a field for many discursive's coexistences.

Key-words

Urban visual communication; public space; visual anthropology.

1. Um contexto

O século XX ainda não havia terminado integralmente e o historiador Nicolau Sevcenko já lhe dedicava um réquiem de rara sobriedade. Como num acerto de contas, o livro em questão, *A Corrida para o Século XXI*, encerrava-se esperançoso, embora transcorresse amargo. Tentando livrar-se logo do cadáver — entendê-lo e celebrá-lo, como pediriam os ritos da ocasião —, aquela ansiosa e um tanto apressada homenagem póstuma oferecia-nos uma poderosa síntese dos cem anos que então se encerravam: atravessar as dez últimas décadas havia sido como passear numa montanha-russa. Na margem do novo milênio (pois um outro milênio ali também se anunciava), nos encontraríamos assim: atônitos, suspensos no ar, tragados por um novo loop. Aguardanos, escrevia Sevcenko (2001:16), “a síncope final e definitiva, o clímax da aceleração precipitada, sob cuja velocidade extrema relaxamos nosso impulso de reagir, entregando os pontos entorpecidos”.

Tendo-se ido, o século que confirmou entre nós a ascensão da cultura da imagem e da sociedade de consumo, que nos abandonou à desregulamentação neoliberal dos mercados, o século que nos fez assistir à progressiva retração (a quase acovardada retração) do Estado-Nação e que se distinguiu, sobretudo, pela tendência da acelerada mudança tecnológica (cujos efeitos, aliás, multiplicaram-se e se fizeram sentir em praticamente todos os campos da atividade humana) só poderia nos deixar um tanto assustados. Além de extenuados, é claro. Agora, na vertigem do loop, uma questão nos escapava: “mais exatamente, o que nos espera?”, “para quê e como devemos então nos preparar?”.

Sem dúvida, o texto de Sevcenko impregnava-se de severidade. Com os olhos igualmente lançados no futuro, acreditava que somente uma dose justa de engajamento reflexivo pudesse responder ao balanço e aos desfortúnios do século. “Neste momento tumultuoso, em que a celeridade das mudanças vem sufocando a reflexão e o diálogo, mais do que nunca é imperativo investir em funções judiciosas, comitivas e orientadoras da crítica” (Sevcenko, 2001: 19).

Entretanto, reconhecia o autor, as décadas recentes nos haviam deixado também algumas expectativas mais reconfortantes. Se as transformações nos atordoavam, se agora nos encontrávamos presos e imobilizados (qual será o desfecho disso tudo?) no loop da moitanha russa, gestavam-se, em contraponto, naquele mesmo momento, indícios de melhor agouro. Apesar de tudo, bons prenúncios germinavam naquele desabalado percurso. Dentre eles, talvez o mais vistoso — ao

menos no que diz respeito aos interesses da proposiçao aqui em curso —, fosse a paradoxal revitalizaçao do espaco pblico. Na virada do sculo XXI, Sevcenko deparava-se com uma nova tica e uma nova esttica em elaboraçaõ nas ruas dos grandes centros metropolitanos. “Alguem diria que o front poltico retornaria para as ruas, tal como na polis da Grécia antiga?”, surpreendia-se ele. Dignos de nota e de apreço pareceram-lhe os movimentos sociais e a ampla fauna de refuseniks que se erguiam (e ainda hoje se erguem) em oposiçao à “síndrome do pensamento único” que acometera as últimas folhas do calendário.

Em livro igualmente recente, mas consideravelmente mais badalado (tão badalado quanto inconformista e até panfletário), a jornalista Naomi Klein também se referiu às associações entre DJs, militantes anticorporações, artistas políticos e ecologistas radicais que bem podem configurar, segundo ela, “o movimento político mais vibrante e de mais rápido crescimento desde 68 em Paris” (2003: 340). Reclaim the Streets (Resgate as Ruas) não é só um lema ou uma inscriçao numa bandeira, mas a própria alcunha midiática com a qual tais movimentos sociais, contra-hegemônicos ou anti-globalizaçao, como são ditos, vêm se apresentando e ocorrendo em algumas das grandes metrópoles mundiais, desde meados dos anos 90. Decididamente, a despeito da representatividade e da legitimidade pontuais atribuídas às fontes citadas — de toda forma, diagnósticos semelhantes não seriam tão infreqüentes nem tão infundados na bibliografia sociológica recente² —, a ocupaçao da arena urbana parece recolocar-se em pauta.

Tendo figurado como um dos nódulos temáticos embrionários (e propulsores, como não!) das Ciências Sociais — pois, ao longo do sculo XIX, hoje já tão distante, o fenômeno urbano passara a exigir a elaboraçaõ de um quadro disciplinar consistente, capaz de lhe dar cabo e de bem reconhecer suas implicações e especificidades —, a discussao sobre a cidade culminou, muito modelarmente, nos achados eternizados de Georg Simmel, Walter Benjamin e da Escola de Chicago (Robert Park e cia.). Hoje, cerca de oito décadas depois, podemos apresentá-los, sem dúvida alguma, como aqueles que fundaram e circunscreveram uma sociologia urbana emblematicamente moderna.

Nos últimos tempos, contudo — e daí também o interesse pelo comentário inaugural de Sevcenko —, a vida metropolitana tout court parecia ter abandonado a categoria de uma temática nobre, dotada ainda de suficiente força impulsionadora no universo sociológico. Parecia encontrar-se um tanto em desuso, um pouco fora de moda (perdoem a força de expressao), um tanto desencantada aos olhos dos sociólogos. Adespeito das investidas já maduras (para não dizer mos já quase trintonas) de Manuel Castells e Richard Sennett — sempre é bom citar exemplos vigorosos —, a cidade encontrava-se um tanto estigmatizada. Recaía sobre ela o descrédito de uma grande e estrondosa falência. A experiência urbana contemporânea estava a implicar quase sempre suburbanizaçao, delinqüência, poluiçao... E megacongestionamentos, não é mesmo? O debate acadêmico sobre a cidade fora tomado de assalto pelas temáticas (contíguas, diga-se bem; mas enfim ofuscantes) da globalizaçao, dos alastramentos mercadológicos e dos avanços tecnológicos — justamente aqueles temas que vão, pouco a pouco — segundo Sevcenko, ainda —, demandando a maior parte de nossos esforços especulativos. Na medida em que o sculo avanjava (ou findava, enlouquecendo e

enlouquecendo-nos), surgiam em cena, mais e mais fortemente, os trabalhos sobre a pós-metrópole (conforme a expressão corrente de Edward Soja), sobre a cidade virtual (a cibercidade, como é habitual no linguajar do brasileiro André Lemos ou entre aqueles atentos às reconfigurações do social acarretadas pelas info/teletecnologias), sobre desterritorialização e os novos glocalismos (nos casos mais significativos de Renato Ortiz e Néstor Garcia Canclini, por suposto).

Quase totalmente reconfigurada pelo aparato técnico e pelo capital aparatado (fulcros reincidentes das transformações processadas em nossa morada — aliás, desde sempre), a moderna experiência urbana encontrava-se um tanto a reboque de tais discussões, que se auto-impunham como mais desafiadoras e urgentes. Numa imprevisível seqüência de altos e baixos, na oscilação entre um certo (talvez tímido) obscurecimento e uma nova reaparição potencializada — no loop da montanha russa —, a temática urbana outra vez se coloca. Porém, outro viço a justifica.

Inserido no campo temático aqui delineado — a área tensa de uma sociologia urbana refeita e reatualizada (ou reatualizando-se, constantemente) —, o presente artigo quer voltar-se exclusivamente à dimensão semiótico-comunicacional da ocupação da arena pública. No interior do quadro macro-sociológico contemporâneo — onde a metrópole parece revigorar-se enquanto ambiência política —, interessa apreender a cidade de Porto Alegre — anunciada desde já como nosso efetivo terreno empírico — como o tecido onde se inscrevem determinadas disputas simbólicas e/ou (talvez mais propriamente) disputas políticas³ materializadas numa diversidade enorme de inscrições públicas.

Embora afins — e correlacionáveis, em fácil medida —, as ênfases que procuraremos aqui obter são diversas daquelas alcançadas por Nicolau Sevcenko e Naomi Klein, que nos serviram, sobretudo, para introduzir uma tematização genérica e, dentro dela, afirmarmos nossas especificações de trabalho e nossos viéses analíticos de formação. Ainda que não nos interesse sustentar aqui o enquadramento histórico e o exato foco sócio-político com o qual opera Sevcenko, ainda que não nos caiba também compactuar integralmente com o encaminhamento e as tonalidades dados ao tema por Naomi Klein, parece válido recorrer a eles na medida em que permitem apresentar a questão como um ‘signo dos tempos’, como um ‘índice de época’.

Em nosso caso, mais restritivamente, trata-se de tentar perceber o engendramento de um embate por espaços e por visibilidades públicas na capital gaúcha. Interessam-nos os modos de apropriação semiótica da paisagem urbana — e há modo mais efetivo de apropriar-se de algo do que demarcá-lo, inscrever nele — no objeto da posse — o nome do possuidor? Porto Alegre, situada no sul do Brasil, passará a ser vista como uma superfície expressiva na qual se projetam e se materializam diferentes assinaturas.

Como supomos, tais assinaturas pertencem 1) ao mundo e à lógica do mercado, como manifestado numa considerável e evidente diversidade de marcas, logotipos e outdoors, entre outras estratégias de anunciabilidade publicitária que povoam nossa rotina urbana — “Até há décadas”, impressiona-se Canclini (2003:160), tendo uma gigantesca Cidade do México diante dos olhos,

“as imagens emblemáticas das megalópoles eram as chaminés das fábricas e as vilas operárias, hoje são os enormes painéis da publicidade transnacional que satirizam até a poluição visual todas as vias expressas”. Contudo, tais codificações metropolitanas não são apenas índices de mercantilização da visualidade urbana, mas pertencem também 2) ao mundo e à lógica da sociedade civil, dos movimentos sociais e dos atores sociais ‘desinstitucionalizados’, representando (e munidos unicamente de) suas idiossincráticas convicções políticas, seus interesses programáticos e suas necessidades de realização estética, inclusive — de sua libido expressiva, enfim —, de onde ganham vazão toda sorte de grafites, pichações e intervenções urbanas (détournement ou culture-jamming⁴, nos informa Naomi Klein; ou ‘textos de resistência’, como fala Michel de Certeau [2000a]). Tais marcações de uma cidade são dadas ainda 3) pelo mundo das ordens e dos regimentos institucionais, pelo mundo da gestão (ou das tentativas e dos esforços já tão precarizados de gestão) do Estado, em função do qual acomodam-se placas de sinalização de trânsito, monumentos históricos, mobiliário urbano, etc.

Aqui, gostaríamos então de cartografar qualitativamente, em função de alguns poucos casos suficientemente representativos — suficientemente “bons para pensar” —, estas disputas simbólicas, o ombro a ombro dos discursos públicos, o conflito das assinaturas no caótico e acidentado tecido urbano. Seria estimulante tentar perceber então coexistências, justaposições ou canibalizações desses discursos (e/ou desses interesses) antagônicos grafados no espaço público. Como estas inscrições diversas demarcam posições? Associam-se de algum modo (talvez por contiguidade, talvez por inter-referência)? Por certo, sabotam-se. Mas como? Por pilhagem de espaços formais conquistados, pelo carregamento neobarroco de grafismos em mútua anulação ou pelo seqüestro das margens da identificação expressiva, numa mestiçagem generalizadamente diluidora? Que recursos textuais mobilizam no intuito de se afirmarem perante os olhares e os fluxos citadinos? Assim, interessa mapear os agravos e os embates semio-políticos dos códigos, a conflituosa semiodiversidade das inscrições urbanas. Reclaim the streets ao nosso modo. Como decorrência, a própria sociabilidade proporcionada por uma cidade povoada de codificações em luta se colocará também no horizonte do debate.

2. Algumas observações

Desde já, faz-se necessário o reconhecimento de que os objetos empíricos que reunimos como subsídio fundamental (e fundamentador) de nossa reflexão não se agrupam, cômoda e pacificamente — de forma límpida ou indiscutível —, sob a terminologia que viemos empregando até agora. Expressões como “assinaturas urbanas”, “retóricas expressivas da comunicação visual” ou mesmo a expressão “linguagens vivas da comunicação urbana”, estampada solenemente já no título desse artigo, têm valor apenas aproximativo e provisório, pois não nos dão tamanha precisão vocabular nem tamanho poder indicativo. Ou seja: as paisagens e os cenários urbanos policodificados que pretendemos problematizarem seguida (via registros fotográficos) estariam à espera de um batismo conceitual mais apropriado.

No momento, parece-nos sugestivo que a pesquisadora gaúcha Lara Espinosa (2002), em texto recém colocado em circulação, tenha se referido ao que chama de 'compósitos intensivos da comunicação urbana'. Para ela (Espinosa, 2002), tratam-se de unidades ou pontos urbanos (manchas urbanas, se pudéssemos conceber a cidade como uma tela cravejada de diferentes tintas, tonalidades e texturas) carregados de uma heterogeneidade alarmante de signos gráficos, textuais e visuais. Além deste hibridismo significativo (com franca ascendência das linguagens visuais sobre as demais), registre-se também o traço barroco e a saturação estético-sensorial com os quais resultam cada compósito.

Em nosso caso, mais do que as caracterizações já feitas por Espinosa (unidades de heterogeneidade e excessividade discursivas), é importante considerar também — como elemento ou critério definidor de nossos materiais empíricos — nossas 'linguagens vivas' — a ocorrência de uma 'disputa cruzada' pela atenção do sujeito metropolitano. Internamente, portanto — se as tomarmos como unidades sígnica; destacáveis —, tais codificações urbanas irão se instituir quase na anulação mútua dos diversos regimes sígnicos ali justapostos. O excesso barroco estaria a implicar também algum 'ruído comunicacional' (para não o qualificarmos pejorativamente como 'poluição visual'). Em certos momentos, este 'ruído' pode indicar um ato deliberado de intervenção, de 'contra-comunicação' ou de negação da mensagem prévia — tida como hegemônica, naquele contexto específico. Assim, o que funda (ou contribui para fundar) nossos mestiços textos urbanos é uma tensão e um carregamento semióticos. Essa disputa essencial, materializada na superfície significativa da cidade, passa a ser lida como disputa política pelo espaço público.

Dito isto, nada melhor do que a exposição de alguns casos concretos para que a idéia (aqui perseguida) e o conceito operacional (aqui em gestação), bem como nossa problemática de fundo, possam então se elucidar⁵.

Fig. A



Várias inscrições povoam a paisagem. A princípio, poderíamos agrupá-las em inscrições móveis (o busdoor da Vivo Celular) e fixas: os letreiros — “Emergências médicas”, “Farma Farmácias” —, as indicações de trânsito — “Em caso de parada no interior do túnel, desligue o motor”, “Não buzine” —, as pichações e os grafites. Estes últimos, por sinal, não aparecem tão destacadamente na fotografia, embora assim ocupem (e delimitem) a margem do fluxo automobilístico. Para avançarmos em nossa taxonomia, para deixarmos esboçado um rigoroso catálogo das ‘linguagens vivas da comunicação urbana’, deveríamos mensurar inclusive a temporalidade dos códigos. Assim, poderíamos supor a existência de códigos de temporalidade regular (em oposição, claro, àqueles irregulares). Ou teríamos códigos de temporalidade cíclica e outros cuja instauração é condicionada por uma combinação de agendas que sempre lhes excedem (agendas macro-políticas ou mesmo midiáticas)?

Revolvendo — e revelando, cabe notar — o inconsciente ótico metropolitano (seus lapsus linguae), a imagem fotográfica registra também uma efêmera sinfonia sígnica, urna estranha orquestração de códigos. São esões fortuitas montagens urbanas que permitem a reincidência da campanha da Vivo Celular (no micro-ônibus e na banca de revistas, situada na Av. Independência, sobre o Viaduto). Entretanto, poderia ter ocorrido ali um curioso confronto de marcas: marcas concorrentes num embate irônico, num entre-choque mutuamente diluidor. Assim como bem poderia ter acontecido, mais singularmente, na boca do túnel, um povoamento maior de inscrições móveis: a ocupação da cidade como denso e concorrido espaço publicitário. Diante de tantos apelos visuais, como se comporta então o olho do sujeito ao volante? Na dança caótica dos signos urbanos, como se dá a geoestratégia do olhar?

De qualquer forma, esta é uma das primeiras paisagens — ‘paisagens retóricas’, poderíamos dizer — que se oferece àjuela que chega em Porto Alegre (que tenha cruzado a BR-116 em direção à Rodoviária da cidade). Ao estrangeiro e ao visitante, dentre todas aquelas inscrições, por certo uma passará despercebida ou então soará particularmente incompreensível: Toniolo’. Entretanto, dias depois, ele já terá se deparado com ela outras tantas vezes. Para o jornalista Marcello Campos⁶, por exemplo, é praticamente impossível percorrer as ruas da capital gaúcha sem se defrontar com o autógrafo — Toniolo’ — em muros, monumentos e prédios públicos (Fig. B). Seria essa uma das assinaturas mais pessoais (e intransferíveis) da cidade?

“Motel Lamore”, “Máquinas de costuras”, “Funilaria Sulcalhasul Fone 32249989”, “Trânsito Legal”, “Saúdam Lula presidente”. Ao longo da Av. Farrapos, muitos são os trechos onde se justapõem dizeres de toda ordem. Nesta imagem específica chama atenção o caráter artesanal (e/ ou a precariedade no acabamento) das fachadas. Somada aos outdoors, à vegetação opulenta e à modestíssima banca de chaveiro ali instalada, a profusão de letras (num vermelho insistente) satura o cenário de tal forma que cada mensagem e cada anúncio singulares resultam contaminados pelo entorno. Os sentidos específicos (sempre fugidios, donos de um já precário e confuso poder indicativo) são esvaziados e reconfigurados numa prosa única, mais significativa por sua desordenada plasticidade. Se entendemos a cidade como uma convidativa (e irrecusável) página em

branco, à espera dos traços que possam sujá-la — a palavra é preenchimento e mácula —, uma questão, enfim, seria possível: existe algo mais democrático do que um muro?

Fig. B

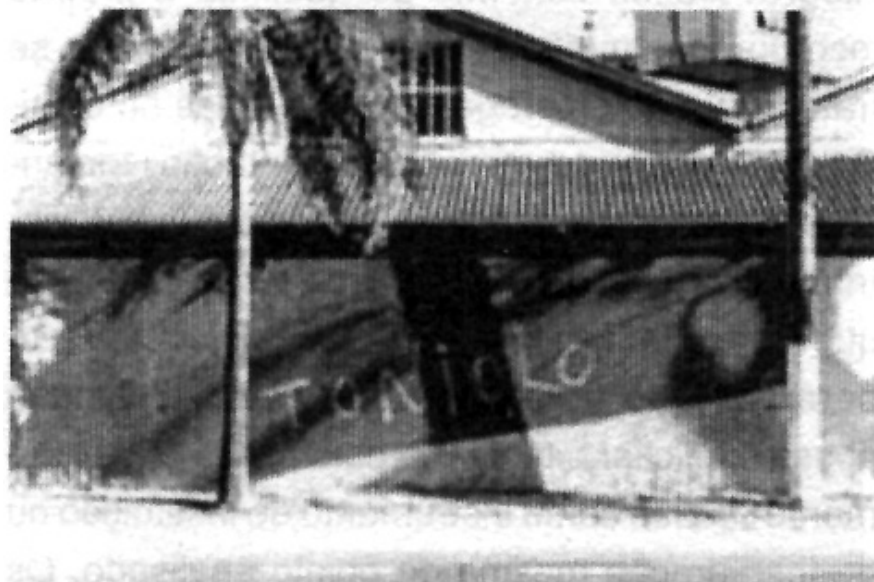


Fig. C



Fig. D



Hoje, tamanha a freqüência com que é citada, a formulação de Mare Auge (1994) sobre os 'nãolugares' (e sobre uma 'etnologia da solidão' que daí decorreria) alçou-se à cendição de um clássico, quase um mantra, na pesquisa sócio-antropológica-comunicacional. Entretanto, se nos despirmos de uma certa nostalgia pelos tradicionais lugares antropológicos (lugares relacionais e históricos: luaares da memória), não poderíamos redescobrir a força simbólica e gregária de certos espaços? Trataria-se então de re-encontrar (ou re-aprender a ver) lugares que possam oferecer uma contra-face qualquer à impessoalidade administrativa e à assepsia identitária com as quais a cultura global pretende instituir-se. Conseguiríamos reconfigurar a reação fenomênica-situada que pudesse impor à ordem cultural hegemônica (e ao 'turbo-capitalismo', como fala Muniz Sodré) uma revisão condizente com a realidade (com a nossa realidade)? Ao articular o imaginário tecnológico contemporâneo (o outdoor da Vivo Celular) e o imaginário mítico dos Frankensteins estilizados — ao todo, são três rostos cravados na paisagem —, ao articular ainda a força loquaz da cultura hip-hop (os grafites e suas cores poéticas) e o brado mínimo do descontentamento político ("Fora Bush"), cenários como esses não estariam a metaforizar novas linhas para o entendimento dos micro-processos de resistência que ainda fazem das cidades o terreno dos jogos e das expressões vitais (da sobrevivência, enfim) da coletividade?

3. Considerações finais

Apesar de poucas, rápidas e um tanto inconclusas, nossas primeiras análises — o tratamento inicial de nossos materiais de trabalho — sugerem fechamentos parciais que podem ser lidos como

pistas para futuros encaminhamentos e para futuras elaborações de nosso processo investigativo. Os casos aqui destacados remetem, por exemplo, à necessidade de esboço de uma “etnografia do olhar”. Sem dúvida, a pesquisa em andamento deverá considerar também, com maior consistência, a operação decodificadora ocorrida no entorno das “assinaturas urbanas” selecionadas. Assim, trataria-se de tentar apreender não só uma operação hermenêutica, mas um conjunto de usos, disposições físicas e práticas corporais a serem descritos com cuidado etnográfico (por exemplo: a mobilidade dos corpos, as falas provocadas, os trânsitos e os trajetos feitos pelo homem urbano no interior—ou diante — desses cenários truncados e repletos de adereços sógnicos). Justamente aí se insere também a preocupação com os olhares dispensados e com as modulações requeridas do ‘olhar-cidadão’ pela gráfica urbana de Porto Alegre. Nesse contexto se qualifica a própria incorporação metodológica da fotografia. Não se trata então de empregá-la aqui apenas no sentido mais usual de mera documentação, tomando-a (ingenuamente, diga-se) como simples instrumento de registro realista do visível. Mais do que isso, a fotografia acaba se configurando (esperamos que a continuidade da investigação possa explicitar o tema e problematizá-lo devidamente) quase como instrumento de instituição ou de instauração mesma do objeto analisado. Os cenários eleitos, as cenas urbanas escolhidas — e os textos porventura nelas estampados — são, de certa forma, dependentes do congelamento temporal proporcionado pela imagem fotográfica. Quando mencionamos o inconsciente ótico metropolitano — e esse conceito, certamente, me recerá também novas investidas de formulação, seja a partir de Benjamin, seja a partir de Paul Virilio, Jonathan Crary ou talvez ainda outros autores preocupados com nossa “visiônica” contempornea —, nos referimos justa mente a esses substratos e a esses resquícios da visualidade urbana. De certa forma, experimentar com a fotografia (e a partir dela) seria um modo de mapear e testar (e assim apreender reflexivamente) essas visibilidades metropolitanas. Lembramos ainda que a proposição de uma “etnografia do olhar” remete também à idéia dos “pontos de vista cidadãos”, desenvolvida por Armando Silva (1997). Parece ganhar maior clareza então um dos interesses fundamentais do trabalho: averiguar não só a textura e os amálgamas sógnicos daquelas escrituras, mas também os regimes de visibilidade em que elas se inserem ou aos que elas se oferecem (leitor móvel ou imóvel, os modos dessa mobilidade decodificadora, os atravessamentos dados nesse instante de leitura, os tempos e os níveis de atenção, as distâncias içadas entre leitor e texto, a frontalidade desse olhar e outras interferências no trabalho decodificador). O entendimento abrangente desses registros urbanos não se dará sem levar em conta também os contratos de observação pública em que eles operam.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUGE, Marc. Não-Lugares. Introdução a uma antropologia da supermodernidade. Campinas: Papyrus, 1994.

BERMAN, Marshall. Tudo Que é Sólido Desmancha no Ar. A aventura da modernidade. São Paulo: Cia. das Letras, 1986.

CANCLINI, Néstor García. A Globalização Imaginada. São Paulo: Iluminuras, 2003.

CASTELLS, Manuel. La Cuestión Urbana. 1ª ed. Barcelona - Madri: Siglo XXI, 197£ (tradução brasileira: A Questão Urbana. São Paulo: Ed. Paz e Terra, 2000).

CERTEAU, Michel de. A Invenção do Cotidiano. 1. Artes de fazer. 5ª ed. Petrópolis: Vozes, 2000a.

_____; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. A Invenção do Cotidiano. 2. Morar, cozinhar. 3ª ed. Petrópolis: Vozes, 2000b.

DOWNING, John. Mídia Radical. Rebeldia nas comunicações e nos movimentos sociais. São Paulo: Ed. SENAC, 2002.

ESPINOSA, Lara. Estudo do uso intensivo da comunicação visual no meio urbano como matriz para novas linguagens visuais. Trabalho apresentado no NP Publicidade, Propaganda e Marketing, no XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (INTERCOM), realizado em Salvador - BA, de 01 a 05 de setembro de 2002. Anais do Congresso, 14p.

FLORÊNCIO, Isabel. Diálogos urbanos: entre o consenso e o desentendimento. Trabalho apresentado no GT Comunicação e Sociabilidade, no XII Encontro Anual da Associação dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (COMPÔS), realizado em Recife - PE, de 03 a 06 de junho de 2003. Anais do Congresso, 10p.

KLEIN, Naomi. Sem Logo. A tirania das marcas em um planeta vendido. São Paulo; Rio de Janeiro: Editora Record, 2003.

SENNETT, Richard. O Declínio do Homem Público. As tiranias da intimidade. São Paulo: Cia. das Letras, 1988.

SEVCENKO, Nicolau. A Corrida para o Século XXI. No loop da montanha-russa. São Paulo: Cia. das Letras, 2001 (Coleção Virando Séculos, 07).

SILVA, Armando. Imaginários Urbanos. Cultura y comunicaci3n. Bogotá: Tercer Mundo Editores, 1997. (ou Imaginários Urbanos. São Paulo: Perspectiva; Bogotá: Convênio André.; Bello, 2001 - trad.: Pérola de Carvalho e Mariza Bertoli.)

SIMMEL, Georg. A metrópole e a vida mental, in: VELHO, Otávio. O Fenômeno Urbano. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 1979. S

ODRÉ, Muniz. Antropológica do Espelho. Uma teoria da comunicação linear e em rede. Petrópolis RJ: Vozes, 2002.

NOTAS

- ¹ Texto apresentado ao GT Comunicación y Ciudad, no VII Congreso Latinoamericano de Ciencias de la Comunicación, ocorrido em La Plata, Argentina, em outubro de 2004. O presente artigo é também fruto do projeto de investigação “Porto Alegre em Código. Linguagens vivas da comunicação urbana”, desenvolvido pelo autor, desde agosto de 2004.
- ² Mesmo Marshall Berman, em *Tudo que É Sólido Desmancha no Ar*, também se refere ao embate entre o que chama de ‘o modelo da via expressa’ e o ‘modelo do grito na rua’. Segundo ele, assim se emblematizariam — a partir de Nova Iorque, a cidade que lhe é tão cara — certas configurações de nossa modernidade. É sintomático — e, para nós, bastante ilustrativo — que justamente em torno da ocupação do espaço urbano, enquanto espaço cultural e político esteja o núcleo do debate. Cf. BERMAN, 1986, p.271-330.
- ³ “Quando falamos aqui do caráter ‘político’ dessas lutas, não o fazemos no sentido restrito das demandas que se situam no âmbito dos partidos e do Estado. Estamos nos referindo a um tipo de ação cujo objetivo é a transformação de uma relação social que constrói os sujeitos numa relação de subordinação”. O argumento acima, empregado por John Downing e Laura Stein no livro *Mídia Radical* (2002: 406), ajuda-nos a tangenciar o debate *eminente* político (ou político-partidário, político-institucional, etc), recortando melhor nosso foco de atuação: interessam-nos as micro-políticas e aquilo que Michel de Certeau chamou de “astúcias” e “estratégias dos fracos”, encontradas no cotidiano miúdo e na experiência banal do vivido. É a essas ‘confrontações’ (entre ‘mundos formalizados’ e ‘informalizados’, entre mundos ‘instituídos’, ‘mal-instituídos’ e ‘não-instituídos’) que estamos aludindo quando mencionamos a ocorrência de ‘disputas políticas’. Salientamos ainda que nosso movimento (teórico-temático) se dá no plano dos sentidos e das significações sociais (daí a atenção pontual às linguagens urbanas).
- ⁴ *Détournement* e *culture-jamming* são formas de desfiguração e sabotagem de *outdoors* e anúncios publicitários. Obviamente, trata-se de subverter o sentido original. Segundo Naomi Klein (2003: 308), “as ruas são espaços públicos (...), e uma vez que a maioria dos moradores não pode fazer frente às mensagens corporativas comprando suas próprias peças publicitárias, eles devem ter o direito de responder às imagens que nunca pediram para ver”.
- ⁵ Metodologicamente, recorreremos a procedimentos de cunho etnográfico — no sentido de uma etnografia urbana, sobretudo. Destacam-se também as fotografias dos cenários selecionados. Cabe dizer ainda que tomamos o centro de Porto Alegre como a região prioritária das observações, pois supomos que o centro da cidade ocupa lugar de destaque na memória sentimental e no imaginário afetivo dos porto-alegrenses. Com exceção da figura B, todas as imagens são de autoria de Denise Silveira.
- ⁶ Segundo Campos, o autor das pichações é o escrivão de polícia aposentado Sérgio Toniolo, 58 anos. Nas duas últimas décadas, ele teria gasto 3 mil tubos de *spray*, distribuindo cerca de 70 mil pichações pela cidade. Maiores detalhes encontram-se em <http://planeta.terra.com.br/arte/359/marcelloc02.htm>.